



ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DOS IMIGRANTES JAPONESES, CHINESES E COREANOS E SEUS DESCENDENTES NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO EM 2014, 2015 E 2016

MARROCOS, Luannah Maria de Holanda Leite

Resumo

O presente artigo é uma análise da representação dos imigrantes japoneses, chineses e coreanos e seus descendentes no telejornalismo brasileiro nos anos de 2014, 2015 e 2016, a qual conta com pesquisas retiradas de uma parte da monografia da acadêmica. O objetivo é avaliar se a representação é feita adequadamente e se contém elementos negativos, como estereótipos, xenofobia e preconceito. As matérias avaliadas são das planilhas de 2014, 2015 e 2016 desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos sobre Mídia e Imigração, composto por alunos do Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil), orientado pela professora Elaine Javorski.

Palavras-chave: mídia e imigração; representação social; telejornalismo brasileiro.

Abstract

This article is an analysis of the representation of Japanese, Chinese and Korean immigrants and their descendants, without Brazilian television journalism in the years 2014, 2015 and 2016. The objective is to evaluate if the representation is made properly and contains negative elements such as stereotypes, xenophobia and prejudice. The subjects evaluated are from the worksheets of 2014, 2015 and 2016 developed by the Center for Studies on Media and Immigration, composed of students from the Autonomous University Center of Brazil (UniBrasil), guided by Professor Elaine Javorski.

Palavras-chave: media and immigration; social representation; brazilian television journalism.

INTRODUÇÃO

Para realizar a análise da representação dos imigrantes japoneses, chineses e coreanos e seus descendentes no telejornalismo brasileiro, o presente artigo conta com pesquisas feitas a respeito dos conceitos e fatores de migração, uma breve contextualização sobre a história da imigração no Brasil, no Paraná e em Curitiba e como os imigrantes em geral são representados nos meios de comunicação de massa.

O objetivo deste trabalho é identificar se esta representação ocorre de maneira correta e satisfatória para os descendentes de japoneses, chineses e coreanos que residem no Brasil. Foi averiguado se as linguagens e as imagens apresentadas disseminam elementos negativos para a sociedade, como, por exemplo, estereótipos, preconceito e xenofobia. Elementos estes que podem impactar no convívio social dos imigrantes asiáticos orientais e seus descendentes com a sociedade brasileira.

O que justifica a proposta do tema deste trabalho é o fato deste público ser considerado um grupo minoritário, pois estão fora de seu país de origem e sem contato com sua cultura original. Filho (2004) explica que a representação dos imigrantes é estudada desde o século XX, pois, como são grupos minoritários, se faz necessária a análise da identidade que está sendo construída sobre eles nas mídias de um país que não é o seu de origem. Ainda mais quando se percebe que a exclusão social é presente nos meios de comunicação de massa, como explica Sodré (1984).

Esta análise conta com o apoio de planilhas do ano de 2014, 2015 e 2016 do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Imigração, composto por acadêmicos do Centro Universitário Autônomo do Brasil (UniBrasil), que realizam anualmente estudos sobre a imigração na mídia para compreender a forma como as reportagens telejornalísticas tratam os fluxos migratórios na mídia televisiva. Nelas, as matérias que envolvem japoneses, chineses e coreanos foram divulgadas nos telejornais: Fala Brasil, Bom dia Brasil, Bom dia Paraná, Paraná TV 2ª Edição e Jornal Nacional.

Ao final da análise, que contribuirá para promover um melhor entendimento sobre a representatividade dos japoneses, chineses e coreanos

no telejornalismo brasileiro, será concluído se os telejornais estudados promovem uma representação adequada e satisfatória deste público ou não.

MÉTODO

Durante o processo de desenvolvimento do presente artigo, foram utilizadas pesquisas bibliográficas para introduzir e embasar o tema sobre a representação dos imigrantes japoneses, chineses e coreanos e seus descendentes no telejornalismo brasileiro. Com as planilhas do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Imigração, foi possível constatar quantas notícias sobre imigrantes asiáticos orientais e seus descendentes foram produzidas em determinados telejornais no ano de 2014, 2015 e 2016. Além disso, foi realizada uma pesquisa de campo online, com foco no público de japoneses, chineses e coreanos residentes no Brasil, para saber se eles se sentem satisfeitos com a representação que recebem nos telejornais brasileiros.

Para abordar a respeito da representação dos imigrantes em geral na mídia, foram utilizados os estudos de Campos (2015), que fala sobre a disseminação de preconceito e xenofobia nas notícias jornalísticas; e Cogo (2001), que também aborda sobre o discurso de criminalização relacionado aos imigrantes.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A necessidade de analisar a representação dos imigrantes japoneses, chineses e coreanos e seus descendentes no telejornalismo brasileiro surgiu a partir de pesquisas realizadas a respeito da representação de imigrantes em geral na mídia. Em sua tese de doutorado, Campos (2015) analisou a forma como a mídia impressa construiu o discurso e a identidade de imigrantes nas matérias jornalísticas entre os períodos de 1808 e 2015. Por meio de seu estudo, após analisar cerca de 11 mil edições de jornais e revistas, constatou que a mídia impressa carrega o racismo e a xenofobia na abordagem que utiliza para disseminar notícias sobre imigrantes. Em entrevista para o jornal BBC Brasil, o pesquisador afirma que “a noção de que o Brasil é um país

hospitaleiro, onde todos os estrangeiros e imigrantes são bem-vindos, não passa de um mito".

"Os imigrantes não são seres humanos, mas "braços". Não migram, são "importados". Devem ser parte de uma "multidão trabalhadora", mas nunca os "perturbadores da ordem". Devem ser "morigerados" e "industriosos", mas, se reivindicam direitos, são classificados como "agitadores" e "anarquistas". Devem ser "assimiláveis", sob o risco de suas comunidades se tornarem indesejáveis "quistos étnicos". O imigrante é um bode expiatório muito bem-vindo no Brasil, principalmente se age sobre ele, ainda mais além, o corte de classe." (CAMPOS, 2015, pág. 528).

Em outro estudo sobre imigração na mídia, realizado por Cogo (2001), a autora também traz um levantamento sobre o preconceito e a discriminação denunciada na forma como a mídia impressa aborda notícias sobre imigrantes. Por meio da análise das notícias, Cogo percebeu um caráter de "criminalização" nas mídias brasileiras no tratamento às experiências imigratórias no país.

"Nomeados como ilegais, clandestinos, irregulares, refugiados, deportados, os imigrantes são alvos de uma semantização negativa e "policial" que inclui intolerância, violência, desemprego, isolamento, preconceito, pobreza, condenação, fiscalização, deportação, expulsão, tráfico ou detenção." (COGO, 2001, pág. 17)

A representação dos imigrantes nos meios de comunicação de massa não é algo que começou a ser estudado recentemente. Segundo Filho (2004), as formas como os imigrantes em geral são retratadas, tanto na mídia impressa quanto eletrônica, é alvo de análises críticas desde o século XX. Isso partiu da necessidade de estudar como a identidade deles é construída nos meios de comunicação de massa.

A análise crítica da sub-representação ou da representação distorcida de identidades sociais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias, nacionalidades) nos meios de comunicação de massa se consolidou, desde os anos 60, como um dos temas centrais da agenda dos estudos culturais e midiáticos. Tal inclinação teórica se harmoniza com a pauta de reivindicações dos novos movimentos sociais, notabilizados por uma preocupação

profunda com a questão da identidade – o que ela significa como é produzida e contestada. (FILHO, 2004, pág. 45)

O autor indica que a representação adequada dos imigrantes deve seguir a política de identidade, que “[...] se caracteriza pela afirmação e defesa da singularidade cultural dos grupos oprimidos ou marginalizados.” (FILHO, 2004, pág. 45).

Sodré (1984) afirma que desde o surgimento da televisão, na década de 50, a exclusão social era acentuada no modelo de crescimento econômico brasileiro e a televisão não tinha interesse em atingir a minoria, população de classe C e D. Mas este cenário mudou quando este meio de comunicação precisou garantir mais audiência para se alavancar no mercado.

“Em suas origens, o aparelho de tevê significaria a contradição entre campo e cidade, entre pobres e ricos, mas agora a indústria precisava uma vez mais da <<mão-de-obra de reserva>>, para acumular um novo tipo de excedente: o de audiência, constituído pela <<mais-valia>> da palavra. Foi assim que os grupos C e D da população urbana (assalariados de base, trabalhadores independentes, migrantes, favelados) passaram a interessar à empresa de televisão.” (SODRÉ, 1984, pág. 103)

Atualmente, japoneses, chineses e coreanos que residem no Brasil estão expressando sua insatisfação sobre a representação que recebem na mídia televisiva brasileira. Por exemplo, o grupo Coletivo Oriente-se, formado por atores profissionais brasileiros com ascendência oriental, que, em 31 de agosto de 2016, publicou uma carta com notas de repúdio à discriminação étnica de maneira estereotipada nas produções audiovisuais. Segundo Stycer (2016), na carta, intitulada “Manifesto do Coletivo Oriente-se no Brasil pela Igualdade Étnica”, os atores brasileiros reivindicam que o tratamento a todos os cidadãos seja igual, rejeitando a discriminação étnica e a representação estereotipada dos asiáticos orientais nas produções audiovisuais, que apresentam certo preconceito e distorção da realidade.

Outro exemplo é o canal de humor do Youtube, Yo Ban Boo, criado para mostrar um pouco da experiência social de descendentes de asiáticos do extremo oriente residentes no Brasil, traz em seus vídeos semanais exemplos

de situações corriqueiras da vida de descendentes de japoneses, chineses e coreanos, como apresenta o vídeo “Coisas Que Asiáticos Brasileiros Sempre Ouvem”. O conteúdo mostra descendentes de asiáticos do extremo oriente recebendo perguntas como: “você é sansei, nissei ou num sei?”, “seus país são rígidos?”, “você consegue diferenciar os tipos de orientais, né?”, “você é japonês, chinês ou coreano?”, entre outras questões relacionadas a características físicas e culturas predominantes no Japão, na China, na Coréia do Norte ou na Coréia do Sul.

Por conta disso, surgiu a necessidade de avaliar a representação dos japoneses, chineses e coreanos residentes no Brasil se mostra inadequada no telejornalismo brasileiro. Na planilha de 2014 do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Imigração, há seis matérias que envolvem japoneses e chineses. Destas seis matérias, três apresentam um assunto negativo e, duas, positivo. As três reportagens de cunho negativo foram apresentadas no telejornal Fala Brasil, abordando sobre chineses envolvidos em: assassinato, sequestro e trabalho escravo. Pode-se perceber que são assuntos considerados negativos pela natureza que abordam, não diretamente sobre a etnia. Porém, a linguagem e a imagem apresentadas nas matérias foram avaliadas e aspectos negativos como preconceito e xenofobia foram notados. As imagens que compõem as três reportagens sobre chineses apresentam os personagens envolvidos e os locais dos crimes, sendo consideradas normais e adequadas, uma vez que isso necessita ser disseminado para melhor construir a informação e o conhecimento ao público. Porém, a linguagem de uma das três matérias é considerada extremamente preconceituosa e xenófoba, uma vez que os âncoras do telejornal Fala Brasil, o repórter e o comentarista se referem a todo o momento aos envolvidos como “chineses”, demonstrando e estimulando preocupação ao informar que muitos chineses têm entrado no Brasil por meio da fronteira com o Paranaguai para se juntar a outros grupos de chineses que estão extorquindo “compatriotas”. Ou seja, até mesmo para se referir aos chineses residentes no Brasil utiliza-se uma palavra que os diferencie dos brasileiros, como se os tivesse isolando do restante da sociedade. Nas outras duas matérias não foram identificados traços de

preconceito e xenofobia, uma vez que os repórteres mencionam os nomes dos chineses envolvidos, não aplicando uma divisão negativa entre as nacionalidades.

Já nas matérias de cunho positivo, também apresentadas no telejornal Fala Brasil, os japoneses são fortemente representados de forma positiva. Os assuntos são: comemoração dos cem anos de imigração japonesa e atletas mirins do Japão que vem para o Brasil fazer intercâmbio. Nestas reportagens, não foram notados aspectos negativos como isolamento da etnia japonesa da brasileira ou qualquer outro aspecto que demonstre preconceito ou xenofobia como demonstrada em uma das matérias negativas abordada no parágrafo acima.

Na planilha de 2015, há três matérias de cunho positivo, duas apresentadas no Jornal Nacional e uma no Bom Dia Paraná. Destas três, uma é sobre japoneses e duas sobre chineses. A que representa os japoneses, apresentada no Bom Dia Paraná, trata sobre: Expo Japão, festa da colônia japonesa em Londrina. A reportagem apresenta os preparativos do evento, evidenciando descendentes de japoneses, utilizando seus nomes na linguagem, construindo uma imagem de aproximação e admiração. Nas matérias que apresentam chineses, divulgadas no Jornal Nacional, um assunto é negativo e o outro é positivo, sendo sobre: quadrilha de brasileiros que assaltam famílias chinesas, e chineses que viajam ao Japão para fazer compras. Na matéria de cunho negativo, a linguagem e a imagem utilizadas na reportagem são neutras. Os entrevistados das famílias chinesas vítimas não quiseram se identificar, por isso não são citados nomes, sobrenomes, profissão ou algo que os identifique. A matéria de cunho positivo não está mais disponível para ser visualizada e analisada na internet, mas, de acordo com os dados coletados e inseridos na planilha feita pelo Núcleo de Estudos sobre Mídia e Imigração, a reportagem apresenta uma linguagem e imagem igualmente neutras a matéria anterior, abordando a notícia sem separar negativamente as nacionalidades, evitando estabelecer uma rivalidade entre elas.

Na planilha de 2016, há duas matérias, uma envolvendo japoneses e, outra, chineses. A que é voltada aos japoneses é apresentada no telejornal Bom Dia Paraná, evidenciando, mais uma vez, a nova edição da Expo Japão. Da mesma forma que em 2015 a reportagem demonstrou uma aproximação e apreciação da cultura japonesa, nesta matéria de 2016 a linguagem e as imagens mantiveram estes pontos positivos na divulgação do evento. A matéria envolvendo os chineses, apresentada, também, no Bom Dia Paraná, trata sobre a artista plástica Maria Cheung, de Foz do Iguaçu, que vai representar a América Latina em um evento mundial. A linguagem utilizada na reportagem não se diferencia muito da utilizada para falar sobre o evento japonês em londrina, porém, em alguns momentos o repórter se refere à china de maneira subjetiva, dizendo “aquele país oriental” ao invés de, simplesmente, “China”.

Após avaliar a linguagem e as imagens que compõem as reportagens que apresentam imigrantes japoneses e chineses nos anos de 2014, 2015 e 2016, nota-se uma baixa representatividade dos coreanos no telejornalismo brasileiros, uma vez que não foram disseminadas notícias sobre esta etnia nestes anos. Além disso, pode-se perceber, também, um fator consideravelmente negativo a respeito da disseminação de notícias sobre japoneses e chineses: juntando todas as matérias, há um total de dez reportagens, seis envolvendo imigrantes ou descendentes chineses, quatro envolvendo imigrantes ou descendentes japoneses, considerando que as quatro matérias de cunho negativo envolvem apenas a etnia chinesa, enquanto nenhuma sobre a etnia japonesa. Com isso, é inevitável não colocar em questão a diferença aplicada na disseminação de notícias entre estas três etnias, pois, enquanto os imigrantes ou descendentes coreanos possuem baixa representatividade, os imigrantes e descendentes chineses são alvos de matérias de cunhos negativos (ao mesmo tempo que positivos), e os imigrantes ou descendentes japoneses são representados, na maioria das vezes, somente com matérias positivas. Dessa forma, é possível constatar que há uma certa predominância, aplicada de forma negativa, da etnia japonesa sobre a chinesa e a coreana. Assim, enquanto nenhuma notícia negativa é apresentada envolvendo imigrantes ou descendentes japoneses, é possível considerar que

a apuração de notícia de cunho negativo se concentra significativamente nos imigrantes e descendentes chineses, aplicando, de certa forma, uma influência negativa sobre a representação deste grupo na sociedade brasileira.

CONCLUSÃO

Avaliando as matérias que envolvem imigrantes ou descendentes de japoneses, chineses e coreanos, nas planilhas de 2014, 2015 e 2016 desenvolvidas pelos acadêmicos do Núcleo de Estudos sobre Mídia e Imigração do Centro Universitário Autônomo do Brasil, conclui-se que os japoneses possuem um tratamento nas notícias superior ao dos chineses. Como notamos, em nenhuma das notícias envolvendo imigrantes ou descendentes japoneses há aspectos negativos como preconceito, xenofobia ou estereótipos sendo disseminados na linguagem e nas imagens transmitidas. Por outro lado, nota-se que os imigrantes ou descendentes chineses são alvos frequentes de notícias de cunho negativo e de uma linguagem composta de ideais subjetivos e construções negativas de imagens. Além disso, conclui-se que os imigrantes ou descendentes de coreanos possuem uma baixa representatividade no país, uma vez que em três anos não foram disseminadas notícias sobre este público no Brasil, sendo que, entre os japoneses e chineses, historicamente a imigração dos coreanos ao Brasil é mais recente entre estas etnias e, portanto, podem proporcionar boas notícias sobre este contexto histórico ao país.

AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos da realização deste artigo são direcionados ao Núcleo de Estudos sobre Mídia e Imigração, por disponibilizar as planilhas como objetos para a análise deste artigo; à professora e orientadora Elaine Javorski, por orientar os acadêmicos na construção de boas análises na realização dos trabalhos dentro do Núcleo; e ao professor Rodolfo Stancki, por estimular o desenvolvimento do presente artigo.

Referências Bibliográficas

CAMPOS, G. B. de. **Dois séculos de imigração no Brasil**: A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/qcY4mO>>. Acesso em: 29/04/2017.

CAMPOS, G. B. de. **Racismo contra imigrantes no Brasil é constante, diz pesquisador**. BBC Brasil, Rio de Janeiro. Entrevista concedida a Jefferson Puff. Disponível em: <<https://goo.gl/2Y9vxU>>. Acesso em: 29/04/2017.

COGO, D. **Mídia, imigração e interculturalidade**: mapeando as estratégias de midiatisação dos processos migratórios e das falas imigrantes no contexto brasileiro. Disponível em: <<https://goo.gl/BtGohs>>. Acesso em: 29/04/2017.

FILHO, J. F. **Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias**. In: Revista EcoPós. Disponível em: <<https://goo.gl/jc4VxM>>. Acesso em: 15/05/2017.

SODRÉ, M. **O Monopólio da Fala**: Função e linguagem da televisão no Brasil. Ed. 7. Petrópolis: Vozes, 1984.

Stycer, M. **Manifesto de artistas orientais pede o fim da “discriminação étnica” na TV**. Disponível em: <<https://goo.gl/BYPtFn>>. Acesso em: 15/11/2016.

YO BAN BOO. **Coisas Que Asiáticos Brasileiros Sempre Ouvem**. Disponível em: <<https://goo.gl/gKPvKX>>. Acesso em: 18/05/2017.